



19/10/2007 19:06 - CM/ /SEU DINHEIRO/INVESTIMENTO/TERCEIRA IDADE

Saiba como investir seu dinheiro durante a terceira idade

Por Mariana Segala

São Paulo - A chegada da aposentadoria não é pretexto para relaxar - pelo menos não quando o assunto é investimento. Mesmo quem já entrou na terceira idade deve continuar estudando as melhores formas de aplicar os recursos financeiros que conseguiu acumular. E mais: investir, moderadamente, em ações é bom negócio. "A recomendação é de que pessoas mais velhas também assumam algum risco", diz o administrador de investimentos Fábio Colombo, aconselhando, no entanto, que investidores conservadores demais avaliem sua disposição a enfrentar as oscilações do mercado. "Não arriscar representa um custo: o de ter um rendimento inadequado."

Não se trata, é claro, de apostar todas as fichas no mercado de ações. Afinal, quem já passou dos 60 anos não tem pela frente o mesmo tempo de um jovem de 20 para recuperar os prejuízos de uma eventual perda. "Se um idoso enfrenta um período difícil na Bolsa, vai realizar prejuízo", diz Colombo. Por isso a máxima de distribuir os ovos em diversas cestas continua valendo para o público dos cabelos brancos.

A regra geral é manter posições conservadoras, alerta Alexandre Rodrigues de Oliveira Filho, sócio-diretor da consultoria Cynrel International. Por isso, não mais que 20% do total investido por quem chegou à terceira idade deve se concentrar em ações. "Parece um percentual razoável para a realidade brasileira", diz ressaltando que, em países como Estados Unidos, não é difícil encontrar aposentados apostando 40% do patrimônio em ações.

O contador aposentado Luiz Antônio de Azeredo, de 57 anos, ainda não chegou à terceira idade, mas como sente que os anos estão passando rapidamente, já está avaliando como distribuirá seus investimentos daqui para frente. Hoje, eles estão alocados em ações, renda fixa e imóveis, na proporção de um terço em cada modalidade.

"Minha intenção é começar reduzindo o que tenho em renda variável, aproveitando os rendimentos para fazer viagens e me divertir, mantendo uma posição mais conservadora", conta Azeredo que considera "sábia" a recomendação de diminuir a exposição à renda variável com o tempo. "No aproximar da terceira idade, somos obrigados a pensar de forma diferente."

LIQUIDEZ É A ALMA DO NEGÓCIO

Um dos mandamentos nessa fase da vida, destaca o especialista, é sempre ter na manga investimentos de alta liquidez - ou seja, aplicações que sejam facilmente convertidas em dinheiro vivo. "Privilegiamos a liquidez quando o prazo do investimento é incerto", diz. A dica é especialmente importante para a classe média. Nas emergências, como um tratamento de saúde ou uma morte na família, é necessário ter onde levantar recursos sem maiores dificuldades.

"Por isso, afastamos das recomendações ao público mais velho ações típicas de longo prazo, aquelas de empresas menores e menos líquidas", diz Oliveira. Quem quer permanecer no mercado acionário mesmo depois de acumular idade nas costas deve se restringir a aplicar em papéis das maiores empresas listadas no Índice Bovespa, que inclui as ações mais negociadas na bolsa paulista. Entre os mais representativos do Ibovespa estão os papéis de empresas como Petrobras, Vale do Rio Doce, Bradesco, Itaú e Gerdau.

A preocupação com a liquidez deve estar presente também na hora de alocar os recursos entre outros investimentos, como a compra de imóveis. Esse tipo de aplicação, meio fora de moda até há poucos anos, volta a ser interessante diante da gigantesca oferta de crédito disponível na praça e da conseqüente valorização de casas e apartamentos, conforme Colombo. "Mas não se deve concentrar mais que 25% do portfólio em imóveis, por causa dos problemas de liquidez", aconselha. "Quem precisa vender um durante períodos de emergência vai perder dinheiro. E há ainda os custos de transação."

É PRECISO DIVERSIFICAR, MAS COM CAUTELA

Embora aplicar em ações seja aprovado - e mesmo recomendado - para quem chegou à terceira idade, a maior parte dos recursos do investidor sênior deve se concentrar em opções menos voláteis e mais conservadoras. Pelo menos metade dos investimentos deve permanecer alocada em fundos de renda fixa, que têm o rendimento previamente definido. "É da renda fixa que virá a liquidez para as emergências", resalta Oliveira. Entre as sugestões na modalidade estão fundos DI, considerados menos arriscados, segundo Colombo.

O especialista sugere ainda que em média 10% das aplicações sejam destinadas à compra de títulos indexados a índices de inflação via, por exemplo, Tesouro Direto - sistema de compra e venda de títulos da dívida do governo diretamente pelo investidor através da internet. Oliveira recomenda ainda que o investidor coloque uma parte do seu dinheiro em fundos multimercados, que aplicam em classes variadas de ativos, inclusive em ações.

Completando a carteira, Colombo recomenda aplicar algum dinheiro em fundos cambiais e também em contratos de ouro, negociados na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), que serviriam como uma espécie de "seguro" contra eventuais oscilações bruscas da economia. "Nada que passe de 10% do total investido", destaca. Segundo ele, embora o desempenho de investimentos do tipo não estejam se saindo bem nos últimos tempos, é necessário considerar períodos precedentes. "Se houver crise internacional, certamente esses ativos terão performance melhor que a das ações ou dos investimentos a juros."

Para saber mais, acesse www.ae.com.br/midia
